

GARCIA DE ORTA (SÉC. XVI) – O MUNDO DAS PLANTAS MEDICINAIS

No século XVI, com o renascimento e os descobrimentos marítimos, consumou-se a expansão geográfica da Medicina, e novos horizontes se abriram na arte de curar. Sobretudo o uso de plantas medicinais, e o seu estudo, que tinham começado na antiga Grécia (já no Papiro de Ebers, 1300 AC), e que, durante séculos, se mantiveram inalterados por monges e ervanários, desenvolveram-se com novas descobertas e novas concepções. Garcia de Orta foi talvez o expoente máximo desses avanços, e, com a sua obra “Coloquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia”, o primeiro tratado de Medicina Tropical, lançou as bases da fitoterapia e da farmacologia moderna, numa sistemática e numa prática terapêutica baseada em preparados e derivados das plantas, estudados e manipulados através da botânica e da química, precursoras da farmacologia.

As plantas medicinais eram usadas nessa época, com produtos animais e minérios, e com águas termais, no tratamento de variadas doenças, muitas delas que são hoje do foro da Urologia, como infecções urinárias e sexuais, tuberculose, infecções tropicais, males de pedra e de bexiga, impotência e esterilidade, feridas de guerra, acidentais ou cirúrgicas, etc. Algumas dessas plantas eram utilizadas como diuréticos, assim como outras como eméticos ou purgativos, tratando doenças de variada natureza. Os médicos, físicos, filósofos alguns, outros alquimistas, curandeiros, feiticeiros, tratavam as doenças baseando-se em medidas higieno-dietéticas e nesses produtos naturais, recorrendo aos boticários para a confecção de preparados, e, por vezes, aos cirurgiões barbeiros para algumas manobras, como a sangria, ou a talha.

Garcia (Avraham) de Orta, circa 1500-1568

Garcia de Orta nasceu em Portugal, no Alentejo, Castelo de Vide, cerca de 1500. É cristão-novo, judeu convertido, descendente de judeus sefarditas (naturais da Península Ibérica). Estuda em Salamanca e Alcalá de Henares, diplomando-se em Medicina e Filosofia em 1523. Pratica em Lisboa, sendo professor na Universidade em 1530 (32?). Em 1534 parte para a Índia com o capitão-mor Martim Afonso de Sousa, seu amigo pessoal, por amizade, curiosidade ou aventura, para melhores condições de vida, ou porque a Inquisição se instalava em Portugal, ou por tudo isso. Goa é o principal entreposto do oriente, terra rica de comércio, cruzamento de povos, línguas, religiões e culturas. A Inquisição ainda ali não chegara. Garcia de Orta pratica a Medicina, é físico-mor de vice-reis, governadores, príncipes locais, mas atrai-o a grande variedade de plantas medicinais, a grande maioria desconhecidas dos europeus. Poliglota, dialoga com árabes e hindus, planta e comercializa especiarias e pedras preciosas, constrói um horto, jardim botânico (e posteriormente vários outros) para plantação e estudo de ervas medicinais e comestíveis, e um herbário cientificamente ordenado, classificado e catalogado. Viaja pelo Oriente, relaciona-se com viajantes e mercadores, pratica o comércio, mas estuda as doenças locais e os seus tratamentos.

Compara e correlaciona com o que aprendeu na Europa, com a Farmacopeia de Dioscórides e com as traduções latinas de obras árabes e medievais. Observa, medita, experimenta, conclui. E assim vai gerando, durante trinta anos, o seu testemunho, o livro que irá escrever, em latim e depois em português, sob a forma de diálogo, “Coloquios dos Simples e Drogas e Cousas Medicinais da Índia”, em que transmite a sua ciência e a sua experiência, descrevendo doenças tropicais até então desconhecidas e muitas novas plantas e drogas nunca antes usadas no ocidente (“colóquios” são diálogos, e os “simples” são variedades silvestres de plantas com propriedades e virtudes medicinais).

O livro é editado em português, em Goa, em 1563, e é o terceiro livro impresso na Ásia, depois do Catecismo de S. Francisco Xavier e do Compêndio Espiritual do 1º Arcebispo de Goa. Escrito em forma de diálogo, comum na época, entre o próprio Orta, cientista experimental crítico, e o Físico Ruano (o seu alter-ego), médico-físico tradicional recém chegado ao oriente proveniente da península ibérica, o livro inclui cinquenta e sete capítulos e refere, por ordem alfabética, cerca de seis dezenas de drogas, minerais, plantas e resinas do oriente, como aloés, âmbar, benjoim, cálamo, canela, cânfora, cardamono, cássia, estramónio, galanga, gengibre, ópio, pimenta, raiz-da-china, ruiubarbo, sândalo, sene, tamarindo, etc, e os seus efeitos terapêuticos. A edição original da obra quase desapareceu devido à acção da Inquisição, mas o botânico flamengo Charles de l'Écluse (Carolus Clusius), (1526-1609), de passagem por Portugal em 1564, descobre e adquire uma cópia (que hoje se encontra na biblioteca da Universidade de Cambridge) e tradu-la para latim, publicando-a três anos depois em Antuérpia numa versão resumida e anotada, que é depois largamente divulgada por toda a Europa.

Garcia de Orta morre em 1568, não tendo sido em vida importunado pela Inquisição, mas, alguns anos depois (1580), o Tribunal do Santo Ofício condena-o pelo crime de judaísmo, sentenciando que os seus restos mortais, como as suas obras, fossem queimados na fogueira, em Goa. Todavia, graças a Charles de l'Écluse, não se perdeu e foi divulgada a obra de Garcia de Orta, que “não tinha ódio senão aos erros, nem tinha amores senão à verdade”, uma personalidade e uma obra referência no século XVI, do renascimento e da expansão geográfica da Medicina, e que transmitiu ao ocidente informações originais e precursoras nas áreas da medicina, botânica, química, farmacologia e biologia.

Manuel Mendes Silva
Presidente da Associação Lusófona de Urologia
Outubro 2010